

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

**"AS 'IDADES DO MUNDO' NO PRIMEIRO COMENTÁRIO AO
GÊNESIS ESCRITO POR AGOSTINHO: AS ETAPAS DO
PROCESSO HISTÓRICO E SUA COMPARAÇÃO COM AS FASES
DO DESENVOLVIMENTO DA VIDA DE UM INDIVÍDUO"
VII SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE APOCALÍPTICA / I SEMINÁRIO
INTERNO DO PROJETO DE ESTUDOS JUDAICO-HELENÍSTICOS - PEJ -/
I SEMINÁRIO DO GEA, 28 DE NOVEMBRO - 01 DE DEZEMBRO 2006**

Fabrício Santos Barbacena

Mestrando em História / UnB

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

Dentre todos os aspectos tratados na teologia da história agostiniana, o tema das sete idades do mundo, das quais seis são tidas como terrenas e históricas e uma é escatológica, pós-histórica e eterna, apresenta-se como de importância fundamental para se entender melhor o modo como o bispo de Hipona pensou, ao longo de sua extensa produção literária, o sentido do processo histórico. A presente comunicação buscará, assim, fazer a abordagem da forma como esse objeto aparece numa das primeiras obras agostinianas, o *De Genesi contra manichaeos*, em especial quanto às comparações que são ali feitas entre processo histórico e as seis fases do desenvolvimento fisiológico de um ser humano, enumeradas por Agostinho (*infantia, pueritia, adolescentia, iuuentus, declinio ab iuuentute ad senectude, senectus*).



As 'idades do mundo' no primeiro comentário ao Gênesis escrito por Agostinho: as etapas do processo histórico e sua comparação com as fases do desenvolvimento da vida de um indivíduo

A concepção de história desenvolvida por Santo Agostinho (354-430), através de sua vasta obra deixada à posteridade, certamente encontra-se dentre uma das mais importantes e influentes tentativas, dentro do mundo ocidental de tradição judaico-cristã, de se formular explicações sobre o sentido do processo histórico e de se explicitar suas categorias e os principais fatores meta-históricos que o influenciam¹. Rica e cheia de detalhes, desenvolvida ao longo de mais de quatro décadas de reflexões sobre o assunto, o modo como o Agostinho convertido ao cristianismo interpretava a história sofreu alterações e acréscimos ao longo do tempo, embora os elementos de permanência quanto a este assunto sejam muitíssimo mais numerosos do que os de reformulações².

¹ Contudo, cabe deixar bem claro que aqui não se levanta considerações quanto à validade das proposições de Agostinho a respeito desse tema (tal tarefa, felizmente, há muito deixou de ser da alçada dos historiadores), mas sim se destaca o seu papel de destaque no desenvolvimento da reflexão ocidental sobre o devir histórico. Para maiores detalhes sobre a importância do pensamento de Agostinho para se fazer a análise da história das concepções meta-históricas no ocidente, conferir, dentre outros, Karl Löwith. *O sentido da história*. Lisboa: Edições 70, 1977.

² sobre a relação permanência/mudança no pensamento em geral de Agostinho, o historiador Peter Brown, ao redigir os capítulos de revisão da sua famosa biografia sobre o Bispo de Hipona, formulou a seguinte opinião: "Essa ênfase nas mudanças no pensamento e na visão agostinianos [que ele identificou como uma tendência da sua biografia, escrita nos anos sessenta] é contestável. Demonstrou-se que elementos centrais de seu pensamento foram singularmente estáveis. Parecem exibir poucos indícios de descontinuidade" [grifo nosso] (cit. de Peter Brown. *Santo Agostinho: uma biografia*. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2005. p. 602). Pelo que se tem estudado até agora das concepções de história em Agostinho, tenho observado que este é um campo em que o parecer de Brown acima relatado se confirma, pois, se os desenvolvimentos e reformulações, por um lado, existem, as



Dentre os vários temas abordados na interpretação agostiniana do processo histórico, a divisão da história em sete eras ou idades, das quais seis são tidas como terrenas e históricas e uma é vista como escatológica, pós-histórica e eterna, mostra-se um dos seus aspectos mais relevantes, pois tal divisão dá não apenas um enquadramento cronológico para os eventos que se desenvolvem ao longo da chamada história da salvação (que vai de Adão a Jesus Cristo e os tempos da Igreja, com os seus resultados prolongados na salvação ou condenação eterna dos indivíduos), mas também fornece ao bispo de Hipona um referencial hermenêutico importante para os eventos que dentro de cada era se desenvolvem. Por tudo isso, a presente comunicação buscará trabalhar, nas limitações de tempo e do estágio atual de andamento da nossa pesquisa, tal assunto, na tentativa de buscar compreender melhor alguns dos elementos que ela apresenta.

Contudo, o recorte temático das sete idades do mundo, feito dentro do objeto muito mais amplo da concepção de história agostiniana, ainda necessita de maiores delimitações, para que possa ser abordado adequadamente dentro do tempo que foi conferido para esta exposição oral. Desse modo, pensou-se em analisar aqui as sete idades do mundo na sua primeira formulação dentro do pensamento agostiniano, presente na obra *De Genesi contra manichaeos* (388-89), escrita poucos anos depois da sua conversão definitiva ao cristianismo (386). Lá, as seis eras históricas são comparadas aos seis dias da criação, de tal modo que os eventos descritos no livro do Gênesis para cada um dos dias são interpretados alegoricamente como

descontinuidades de opiniões quanto ao sentido do processo histórico, por outro lado, são muito raras.



representando acontecimentos que se deram ou se darão em uma das eras correlacionadas. Só para ficar em alguns breves exemplos, segundo Agostinho, "*bene comparatur*" ("bem se compara")³ a divisão de firmamento entre água e água, relatada no segundo dia da criação, com a segunda era, na qual se encontra Noé, pois a sua Arca "*firmamentum erat inter aquas inferiores in quibus natabat, et superioribus quibus compluebatur*" ("era um firmamento entre as águas mais abaixo, nas quais navegava, e as mais acima, com as quais se molhava")⁴. Por outro lado, a história de Abraão "*bene comparatur diei tertio*" ("é bem comparada ao terceiro dia"), quando a terra foi separada das águas, já que Abraão foi separado por Deus de todos os pagãos, os quais, com suas doutrinas vãs dos ídolos e por seu erro instável, são como que levados por todos os ventos e são bem representados pela instabilidade do mar.

Para se entender melhor o modo como a teoria septenária das idades é desenvolvida pela primeira vez por Agostinho, seria recomendável fazer um brevíssimo panorama geral sobre o período que o autor vivenciava e as condições que o influenciaram na confecção dos dois livros sobre o Gênesis contra os maniqueus. Com efeito, estamos poucos anos após os importantes meses do primeiro semestre de 386, quando Agostinho, então em Milão e há algum tempo já catecúmeno da Igreja católica, mas ainda não definitivamente cristão, assistia às homilias de Santo Ambrósio. Foi nesse ano que ele, tomando contato com livros de filósofos neoplatônicos, como Porfírio e Plotino, deixou totalmente o semi-ceticismo que ele vivenciava àquela época, desde a sua desilusão com o maniqueísmo, que aconteceu por volta de 383. Depois de alguns outros acontecimentos de impacto sobre o

³ *De Genesi contra manichaeos*, 1.23.36.

⁴ *Id. ibid.*



desenvolvimento de sua vida intelectual e espiritual, Agostinho recebeu a visita, provavelmente em agosto de 386, de Ponticiano, o qual, ao contar a história de desprendimento de dois dos seus companheiros que se tornaram monges após a leitura da vida de Santo Antão, desencadeou todo o processo de luta e conflito interior que acabaria no famoso episódio do "tolle, lege" ("toma, lê") e na leitura de Rm 13:13-14, marcando simbolicamente a sua conversão definitiva ao cristianismo. De setembro de 386 a março de 387, Agostinho passou uma temporada de *otium liberale* na propriedade de um amigo e se preparou para ser batizado, o que acontece nesta última data. O ex-professor de retórica desejava voltar com sua mãe e alguns amigos à África, mas os portos de Roma e de boa parte da Itália estavam fechados pelos distúrbios causados pelo usurpador Máximo contra o Império. Em Óstia, eles não tinham nada mais a fazer do que esperar, e, depois do falecimento de Mônica poucas semanas após sua chegada àquela cidade, Agostinho se dedicou a visitar santuários e mosteiros em Roma e arredores, bem como a escrever livros.⁵

⁵ Para aqueles que desejem saber mais sobre os importantes acontecimentos na vida de Agostinho nesse período, os quais foram sucintamente descritos neste parágrafo, a primeira referência e a mais acessível é, com certeza, a já citada biografia de Peter Brown, em sua primeira edição brasileira. Apesar de ter sido escrita em meados da década de sessenta, ela ainda é considerada um dos principais livros sobre a vida e a obra do bispo de Hipona. Para quem desejar uma introdução mais sucinta a tais temáticas, pode-se ler, com proveito, Henri-Irénée Marrou. *Saint Augustin et l'augustinisme*. Paris: Editions du Seuil, 1955, bem como Henri Chadwick. *Augustine*. Oxford: Oxford University Press, 1996. Para uma outra biografia de peso sobre Agostinho, sua época e seu pensamento, conferir a recente obra de Serge Lancel. *Saint Augustine* (tradução para o inglês: Antonia Nevill). London: SCM Press, 2002, cuja primeira edição é de 1999 e cujo autor se apropriou de quase todos os principais estudos e reflexões sobre Agostinho das últimas décadas. A ida às fontes também é, como sempre, muitíssimo recomendável, e os livros V a IX das Confissões são o nosso principal meio para se conhecer estes importantes anos da sua vida pré-conversão.



É nesse momento que a sua atividade polêmica literária direcionada especificamente contra os maniqueus se inicia.⁶ Em 388, ele começa a redigir o primeiro dos dois livros sobre os costumes da Igreja Católica e sobre os costumes dos maniqueus (*"De moribus Ecclesiae Catholicae et de moribus manichaeorum libri II"*), nos quais ele critica a ostentação de prática da castidade dos grupo dos "eleitos" maniqueus como, na maioria dos casos, mero fingimento, bem como repreende a rejeição destes ao Antigo Testamento e a vários trechos do Novo, tidos como interpolações judaizantes e pró-Antigo Testamento. Com argumentos retirados tanto dos filósofos como da Sagrada Escritura, Agostinho esperava combater os erros da religião de que ele fizera parte por cerca de dez anos, com um fervor e entusiasmo inicial tão grandes que "muitos dos seus companheiros de estudo se juntaram prontamente a ele em Cartago"⁷, em uma época em que ele não poupava críticas ao catolicismo, "consciente da sua própria superioridade intelectual frente aos membros da Igreja, cujos bispos ele desprezava por sua falta de instrução e de senso crítico"⁸. De fato, levaria alguns anos para que Agostinho conseguisse trazer as pessoas que ele converteu ao maniqueísmo para o seio da religião católica.

A produção dessa primeira investida literária especificamente contra os maniqueus encheu de entusiasmo vários amigos de Agostinho, os quais, após notarem que as páginas até então escritas por ele acerca do maniqueísmo tinham um estilo retórico e tratava de temáticas de difícil

⁶ Porém, cabe lembrar que a polêmica anti-maniquéia está presente ainda antes nos escritos que temos de Agostinho, como em vários trechos do diálogo *De Ordine*, para ficar neste exemplo. O *De moribus ecclesiae catholicae et de moribus manichaeorum*, do qual se falará em seguida, inaugura, sim, a série de livros com temáticas especificamente anti-maniquéias, e daí sua importância.

⁷ Brown, op.cit. p.65.

⁸ Chadwick, op.cit. p.14.



entendimento para as pessoas menos instruídas (*imperiti*), pediram-lhe que escrevesse uma obra que também por estes pudesse ser compreendida⁹. Desse modo, o futuro bispo de Hipona decidiu unir tal projeto a um outro: o de escrever uma obra especificamente defendendo os livros do Antigo Testamento contra os impropérios dos maniqueus. Surge assim a primeira obra específica de comentário exegético de Agostinho à Sagrada Escritura: os dois livros sobre o Gênesis contra os maniqueus, que, na verdade, tratam apenas da interpretação alegórica dos primeiros dois capítulos deste livro, e foram iniciados em 388, quando Agostinho já estava de volta à África¹⁰, e concluídos no ano seguinte.

Toda a obra busca mostrar aos maniqueus como o relato da criação, da vida feliz de Adão e Eva no Paraíso, do seu pecado e de sua expulsão de lá não são contraditórios nem ferem a razão ou o bom senso. Para isso, Agostinho busca o significado espiritual das Escrituras¹¹, que deve ser contraposto ao modo carnal e literal como os maniqueus interpretavam-na, de tal modo que estes, "*cum volunt Scripturas divinas prius vituperare quam nosse, etiam res apertissimas non intelligunt*" ("ao quererem antes criticar do que conhecer as Escrituras divinas, até as coisas mais

⁹ Informações conferidas por Agostinho em DGM 1.1.1.

¹⁰ Como se pode ler em *Retr.* I, X, 1: "*Iam vero in Africa constitutus, scripsi duos libros De Genesi contra Manichaeos*" ("Com efeito, estabelecido já na África, escrevi dois livros *Sobre o Gênesis contra os maniqueus*").

¹¹ Conforme afirmação de Agostinho na obra *De Genesi ad litteram* VIII, II, aconteceu que ele, quando escrevia a obra *De Genesi contra manichaeos*, "*et quia non mihi tunc occurrebant omnia quemadmodum proprie possent accipi, magisque non posse accipi videbantur, aut vix posse aut difficile; ne retardarer, quid figurate significarent ea quae ad litteram non potui invenire...*" ("...naquela ocasião, não me ocorria de que modo poderiam ser entendidas todas as coisas [destes dois livros] em sentido próprio; antes, bem mais, parecia-me que não podiam ser entendidas neste sentido, ou apenas, ou dificilmente podiam sê-lo; para não me atrasar, expliquei, com a maior brevidade e clareza que pude, o que figuradamente significavam aqueles escritos, cujo sentido literal não pude, então, encontrar...").



manifestas não compreendem")¹². E, dentre um dos pontos mais criticados pelos adeptos do maniqueísmo nessas partes da Bíblia, o descanso de Deus no sábado, depois de efetuadas as obras da criação, parecia-lhes o cúmulo do sacrilégio, e perguntavam: "*Quid opus erat ut Deus requiesceret? An forte operibus sex dierum fatigatus et lassatus erat?*" ("Que necessidade havia de que Deus descansasse? Ou, por acaso, ele estava cansado e fatigado por causa dos trabalhos dos seis dias?").¹³ Para eles, os católicos não apenas queriam identificar Deus como o criador também deste mundo material (que, para eles, era obra do espírito maligno, das Trevas), fonte de tantos males, mas, além disso, buscavam mostrar um Deus que se cansa depois de efetuada alguma grande obra, como se fosse um ser humano qualquer.

Nesse momento do livro, Agostinho insere o tema das sete idades para explicar que, da mesma forma que o descanso de Deus deve ser entendido como a representação alegórica do nosso descanso eterno após esta vida, se fizermos boas obras,¹⁴ numa sétima idade sem fim, que se dará para além do devir histórico humano presente, assim também os seis dias da criação podem ser comparados com as seis idades em que se desenvolve a história humana.¹⁵ Porém, essa temática da correlação entre as sete idades e os sete dias da semana criacional já foi abordada anteriormente em uma outra comunicação, por mim proferida, durante a X Semana de Estudos da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, de tal modo que as pessoas que tenham maiores interesses quanto a esse assunto, poderão

¹² DGM 2.3.5.

¹³ Idem, 1.22.33, onde Agostinho cita, segundo ele, argumentos maniqueus. ("*Dicunt illi: ...*").

¹⁴ DGM 1.22.34.

¹⁵ DGM 1.23.35. Cf. também, para alguns exemplos, cf. supra, pp.2-3.



recorrer ao texto completo, publicado no *site* do Programa de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ (www.pej-unb.org.br). Lá se argumenta que Agostinho, para chegar a tal concepção septenária da história, fundamenta-se, primeiramente, na Sagrada Escritura como um todo, mas, em especial, no relato da criação contido no Gênesis. Contudo, as bases da argumentação para uma história septenária, no DGM, não são tão somente escriturísticas, mas se apóiam também sobre argumentos de outra ordem, de cunho aritmológico (são seis idades históricas pela perfeição intrínseca ao número seis que, acrescido de um, chega à perfeição do sete para as Escrituras) e antropomórficos (são seis idades históricas porque são seis as fases do desenvolvimento fisiológico de uma pessoa, ao longo de sua vida)¹⁶.

Hoje, eu gostaria de tratar deste último modo de fundamentação da teoria agostiniana das sete idades, que é também desenvolvido na mesma passagem do *De Genesi contra manichaeos*, ou seja: a comparação que é feita, por Agostinho, entre as idades do mundo e as seis fases de desenvolvimento fisiológico de um ser humano, que ele assim enumera: *infantia, pueritia, adolescentia, iuuentus, declinatio ab iuuentute ad senectudem* e *senectus*. Cada uma das seis eras históricas é, dessa forma, relacionada com uma destas fases da vida de uma pessoa, sendo que o todo do processo histórico é, explicitamente, comparado com o desenvolvimento fisiológico de um único indivíduo¹⁷.

¹⁶ Devo esta visão dos principais eixos sobre os quais se fundamenta a teoria septenária agostiniana da história à leitura do relevante livro, para o estudo da concepção de história nos padres da igreja, de Auguste Luneau. *L'Histoire du Salut chez Les Peres de l'Église - La Doctrine des Ages du Monde*. Paris: Beauchesne, 1964.

¹⁷ Ao falar da primeira idade no DGM 1.23.35, Agostinho afirma: "*Haec aetas [a primeira, que vai de Abraão a Noé] tanquam infantia deputanda est ipsius universi saeculi, quod tanquam unum hominem proportione magnitudinis suae cogitare debemus*" ("Esta idade deve ser julgada como que a infância de todo este próprio tempo, o qual devemos considerar como que um único homem, devido à proporção de sua grandeza").



Para Agostinho, a história da salvação se desenvolveria progressivamente nas seguintes etapas: de Adão ao Dilúvio (1ª idade); de Noé ao evento da Torre de Babel e os tempos anteriores a Abraão (2ª idade); de Abraão aos pecados do rei Saul (3ª idade); de Davi aos pecados dos reis que o sucederam, causa dos judeus terem sido escravizados pelos babilônios (4ª idade); do exílio da Babilônia até antes da vinda de Cristo, com os judeus de então como que cegados pelos seus pecados (5ª idade); e da vida terrena de Cristo até a sua segunda vinda, época na qual estão incluídos os tempos apostólicos e da Igreja (6ª idade). Cada um dos dois limites acima definidos para as idades é interpretado, de modo alegórico, como a manhã e a tarde, respectivamente, dos dias da criação correlacionados, sendo que as eras são contadas de "manhã" a "manhã" (1ª era: de Adão a Noé; 2ª: de Noé a Abraão e assim em diante).

Descrevamos, então, alguns exemplos de correlação entre fases da vida e eventos tidos em determinadas idades do mundo, para que se possa ter uma melhor idéia das aproximações efetuadas por Agostinho nesse campo. Com efeito, já foi falado, na nota 18, como ele compara processo histórico com a vida de um único indivíduo, enquanto tratava do primeiro dia. Na frase seguinte, Agostinho fala que "*cogitare debemus*"¹⁸ ("devemos pensar") a primeira idade como a "infância" do processo histórico "*quia unusquisque homo cum primo nascitur, et exit ad lucem, primam aetatem agit infantiam*"¹⁹ ("Porque [a] todo homem [que], tendo nascido e saído para a luz por um primeiro momento, faz-se, [para ele], a infância [como] primeira idade")²⁰. Mais adiante, quanto fala da quarta

¹⁸ DGM 1.23.35.

¹⁹ Id. *ibid.*..

²⁰ Id. *ibid.*..



idade, Agostinho a compara à juventude (*"Haec aetas similis iuventutis est"*),²¹ pois, para ele, *"Et revera inter omnes aetates regnat iuventus"* (realmente, a juventude reina dentre todas as idades [nesse caso, refere-se provavelmente às idades fisiológicas])²², e, por isso, é bem comparada ao quarto dia, no qual foram feitas, dentre as luminárias celestes, o sol, simbolo da realeza, bem como é adequadamente relacionada com a quarta idade, na qual reinou Davi e o reino dos judeus alcançou o seu máximo esplendor. Por fim, só para ficar com três exemplos, a comparação da quinta fase fisiológica, que Agostinho chama de *"declinatio a iuventute ad senectudem"*,²³ com o evento inaugurador da quinta idade, o exílio para a Babilônia, e com os acontecimento subsequentes é feita nesses termos: *"Et revera sic ista aetas a regni robore inclinata et fracta est in populo Iudaeorum, quemadmodum homo a iuventute fit senior"* (E, de fato, de igual modo esta idade no povo judeu foi declinando e se quebrantando, desde a firmeza do reino, como um homem que se torna mais velho, [deixando] a juventude)²⁴, pois naquela idade o auge do vigor físico do Reino, tido em Davi, vai progressivamente se esvaindo, e o Reino judeu se encaminha para a total decrepitude de sua velhice nos tempos após a vinda de Jesus, com a submissão aos romanos, a destruição do templo e a supressão dos sacrifícios, da mesma forma que uma pessoa, deixada a fase do auge do seu vigor físico e intelectual, vai progredindo para a velhice. Por todos esses exemplos e outros que aqui não foram descritos, percebe-se a importância da inter-relação entre os argumentos de natureza escriturística e os de natureza

²¹ DGM 1.23.38.

²² Id.ibid.

²³ DGM 1.23.39.

²⁴ Id.ibid.



antropomórfica para que Agostinho compreenda e interprete cada uma das seis idades do mundo.

Por outro lado, ao se fazer a leitura do capítulo 23 do primeiro livro do DGM, salta aos olhos, por vezes, o modo como as relações feitas por Agostinho entre fatos acontecidos nas idades históricas e características da respectiva fase da vida humana parecem sair do plano da mera comparação metafórica e da semelhança para chegar ao ponto de se cogitar se o futuro bispo de Hipona não estaria pensando, em alguns momentos, em uma verdadeira relação de causa/efeito entre determinadas aspectos das fases da vida com os eventos que a eles são comparados, de tal modo que aqueles causariam estes últimos. De fato, um primeiro exemplo poderia ser tomado já na primeira idade, quando Agostinho afirma: "*Quasi vespera huius diei fit diluvium; quia et infantia nostra tanquam oblivionis diluvio deletur*" ("o dilúvio torna-se como tarde deste dia; porque também a nossa infância é como que destruída pelo dilúvio do esquecimento")²⁵. Aqui, a conjunção causal *quia* faz a relação, naquela frase, entre o dilúvio histórico e o esquecimento, tido pelas pessoas para o período vivenciado durante a sua infância, como se estivesse dando a entender que a história, a exemplo de um indivíduo (como o futuro bispo de Hipona já antes a comparara), também precisaria passar por um evento como o dilúvio, que "apaga" do processo histórico os seres vivos e cidades que vinham antes dele, como o esquecimento apaga tudo aquilo que foi vivido pela pessoa na sua infância. Já para a segunda idade, diz-se que "*Haec aetas non diluvio deletur, quia et pueritia nostra non oblivione tergitur de memoria*" ("Esta idade não é destruída por um dilúvio, porque também a nossa

²⁵ DGM 1.23.35.



pueritia não se extingue da memória pelo esquecimento"),²⁶ dando a entender que não há um outro dilúvio na segunda era (e, por correlação lógica, nas subseqüentes), devido ao fato de que o processo de esquecimento total, do qual o dilúvio é o evento histórico correlacionado, não se dá na *pueritia* e em nenhuma das épocas posteriores.

Um outro exemplo, ainda mais instigante, pode ser encontrado na descrição da segunda idade. Ali, Agostinho afirma: "*Sed nec ista aetas secunda generavit populum Dei, quia nec pueritia apta est ad generandum*" (Mas também esta segunda idade não pode gerar o povo de Deus, porque a *pueritia* também não é apta para gerar [subentende-se um objeto para o *generandum*, como "alguma descendência"])"²⁷. Esse trecho é iluminado por um posterior, sobre a terceira era, quando se fala que "*Haec enim aetas potuit iam generare populum Deo, quia et tertia aetas, id est adolescentia filios habere iam potest. Et ideo ad Abraham dictum est [...]*" ("Com efeito, esta idade [a terceira] já pode gerar o povo Deus, porque também é a terceira idade, isto é, a adolescência já pode ter filhos. E por isso foi dito a Abraão..."), seguindo-se uma citação da promessa de Deus ao primeiro patriarca dos judeus, contida em Gn 17:5-8.

Algumas reflexões poderiam ser feitas a partir dos dois trechos citados no parágrafo anterior, na direção dos que já foram feitos quanto ao problema das relações entre esquecimento da infância e dilúvio na primeira idade. Agostinho parece dizer que a criação do povo de Deus se dá na terceira idade, que é a de Abraão, pelo fato de esta ser a terceira idade da história, ou seja, a *adolescentia* da história e, por isso, é a partir dela, e não antes, que se

²⁶ DGM 1.23.36.

²⁷ Id. *ibid.*.



pode haver geração de filhos. Pois, ao falar "*Sed nec ista aetas secunda generavit populum Dei [...]*", ele não apenas fala que a segunda idade não pode gerar o povo de Deus, mas, ao usar o *nec* (*non* mais *et*, que, nesse caso, pode ser traduzido como "também não"), TAMBÉM nega a esta era tal possibilidade, como se já se tivesse negado para alguma das eras anteriores a segunda (que, no caso, só poderia ser a primeira). Mais uma vez, pergunta-se: será que Agostinho estava querendo dizer que a escolha, por Deus, de Abraão para formar o seu povo só poderia se dar na terceira idade PORQUE é somente a partir da terceira fase de desenvolvimento da história mundial - a sua *adolescência* - que esse evento seria viável? Em outras palavras: Agostinho estaria condicionando o acontecimento deste evento às suas reflexões sobre a história de cunho antropomórfico?

De fato, as dúvidas quanto a estes e a outros aspectos da teoria septenária agostiniana da história, presente no *De Genesi contra os manichaeos*, ainda persistem. Com efeito, espera-se que, na medida em que os estudos, a leitura de comentadores e as reflexões sobre as fontes progredirem, possa-se chegar a conclusões mais precisas, ainda que provisórias e não-definitivas, sobre essas e outras temáticas.